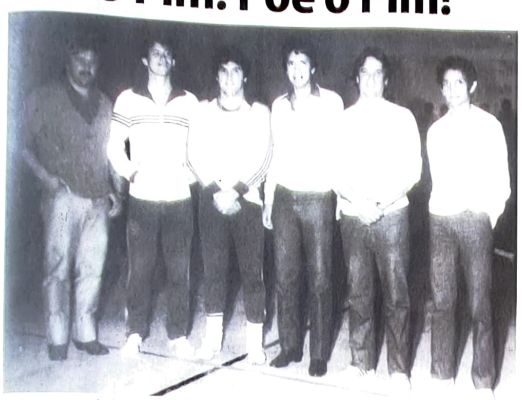
Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Tira o Pim! Põe o Pim!



Antigo Conselho Municipal de Esportes, com Wilson Siloto, Padula, Pim, e o prefeito Sinésio | Arquivo de Nestor Leme

Tira o Pim! Tira o Pim! Põe o Pim! Põe o Pim! Era com esses apupos que o desportista Paulo Roberto Endrigui, mais conhecido como Pim, era saudado pela torcida serrana nos jogos do Serra Negra E.C., quando ele estava em campo defendendo as cores do rubro-negro serrano. Mas será que a torcida serrana reagia daquele jeito porque não gostava dele? Errado. Pim era querido por todos e aqueles apupos ele tirava de letra e até gostava da brincadeira. E como começou essa história?

Conheci o Pim ainda de calças curtas, chegando à Chácara do Irineu Schiavo, acompanhado de vários garotos do Campo do Sete, com uma bola marca Pelé debaixo do braço, pois era num campinho que havia naquela chácara que a turminha se reunia para jogar futebol, nas horas vagas da escola. O Irineu não gostava muito daquilo, pois queria que Eduardo, seu filho que fazia parte do grupo, ajudasse nos serviços da chácara. Mas ele gostava mesmo era de estar com os amigos correndo atrás da bola.

Num dia daquele tempo, eles chegaram para o futebol, mas antes de se dirigirem ao campinho, foram beber água numa bica que existia ao lado da casa, deixando a bola ali no terreiro. Nesse momento, o Irineu, passando pelo local, deu uma bicuda na bola, que, ao bater num monte de lenha, furou e murchou imediatamente. Ao voltarem e verem o estrago feito, fui acusado como sendo a causadora do acidente, sendo que o Pim queria, de todo jeito, que eu comprasse outra bola. Escapei da acusação, mostrando o verdadeiro culpado, e assim, me parecia que aquela história tinha acabado por ali. Mas não foi o que aconteceu, pois o tempo passou, o Pim cresceu, nos tornamos grandes amigos, mas até no nosso último encontro, alguns dias antes de sua partida, ele me cobrou pelo furo da bola.

Convivi com ele em sua carreira de atleta, pois, a convite dele, acompanhava o time do Serra Negra E.C até quando os jogos eram fora de nossa cidade. Mas a nossa amizade realmente se consolidou quando Sinésio Beguini, eleito prefeito, o nomeou Presidente do Conselho Municipal de Esportes e também nomeou Luiz Bueno, Marcos Padula, Cesar Calixto, Mazola, Wilson Siloto e eu como membros daquele conselho, para trabalharmos na organização dos eventos esportivos a serem realizados em sua gestão. E até hoje ouvimos os saudosistas dizerem que aqueles foram os melhores anos da história do esporte serrano, quando realizamos Torneios de Inverno, com nove modalidades, campeonatos de bisca, de truco, de futsal, de bolinhas de gude, provas pedestres, ciclísticas, campeonatos de futebol para crianças, jovens e veteranos, campeonato de futebol movido a álcool, equipes serranas disputando provas pedestres em toda a região, assim como enviamos delegações para os Jogos Regionais e Interestâncias. E também trabalhamos juntos em várias edições do Torneio de Verão do Serra Negra E.C.

Pim, além de esportista, também gostava de política. Foi eleito vereador com grande votação, presidente da Câmara de Vereadores e também foi vice-prefeito na chapa com Sinésio Beguini. Depois disso, foi nomeado como Secretário Municipal de Esportes, onde realizou eventos esportivos para crianças, jovens e veteranos. Mas, infelizmente, e para nossa tristeza, o Pim faleceu, deixando um vazio enorme entre os amigos serranos e regionais.

E com esse histórico, posso afirmar com certeza que ele foi um dos maiores desportistas serranos. E em sua memória, escrevi este artigo, o qual encerro com as seguintes palavras: Vai com Deus, grande amigo! Você gravou seu nome com letras maiúsculas na história do esporte de Serra Negra!

Crônicas do .Dia a Dia

Por Gulda Gerosa

Como falar com alguém na rua

Era uma bela manhã de 25 de março, sol brilhando, brisa agradável e eu ali, panfletando para mais uma missão beneficente: convencer transeuntes a se preocuparem com a própria saúde. O Lions realizava mais uma campanha de prevenção ao diabetes e, como de costume, eu ficava na praça distribuindo panfletos e tentando atrair interessados para o teste de glicemia. Um gesto de preocupação com o próximo, mas que, aparentemente, nas ruas, parece um crime hediondo.

Ah, a abordagem! Eis o maior desafio que existe atualmente, falar com alguém na rua. Você chega com simpatia, olha nos olhos da pessoa e diz com toda a simpatia: "Oi, tudo bem? Hoje estamos fazendo uma campanha de prevenção ao diabetes..." - e antes que eu pudesse continuar, lá estava a cena de sempre: olhos arregalados, passos apressados, palavras nervosas de "Não, obrigado" e, em casos mais extremos, a pessoa começa a pensar que está na maratona, sai correndo.

Os turistas eram um caso à parte. Passeavam tranquilamente, admirando a arquitetura, tirando fotos de postes e calçadas (vai entender), mas bastava eu caminhar na direção deles com um papelzinho na mão que, pronto: fugiam como se eu fosse uma assaltante em pleno expediente.

Confesso que me senti parte de um experimento social. Fiquei refletindo: será que esse é o efeito de quem vem de cidades grandes? Lá ninguém fala com você na rua para prevenir doenças. Se te abordam, ou querem dinheiro, ou é um golpe mirabolante que, no fim, sempre envolve alguém pedindo algum dinheiro ou pagamento, ou assalto. Então, o cérebro urbano condicionado reage com o instinto de sobrevivência! E, foi assim que minha campanha virou um jogo de pega-pega, onde eu corria atrás das pessoas com informação, e elas fugiam como se eu carregasse um contrato de venda de órgãos.

Mas não as culpo. Eu mesma, em grandes cidades, me esquivo de qualquer um que tente falar comigo na rua. Pode ser um monge oferecendo um incenso, um artista distribuindo poesia ou um simples vendedor de balas, eu fujo. A regra é clara atualmente: se falam com você sem que você peça algo, sempre existe uma intenção duvidosa! A verdade é que vivemos com medo. E para uma cidade ser um lugar agradável, as pessoas precisam se sentir seguras de ladrões e pedintes.

Falar com pessoas estranhas na rua assusta, mesmo aquelas que estão acostumadas a uma cidade cheia de pedintes, golpes ou pessoas apenas interessadas em levar vantagem. No mundo moderno, ser abordado na rua assusta mais que glicose alta.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Chantecler: O galo que despertou a arte

Ah, meus amigos leitores! Que alegria compartilhar com vocês as ressonâncias da nossa recente Celebração Re Arte, realizada na querida Residência Artística! Foi um verdadeiro turbilhão de cores, sons e encontros - uma efervescência cultural que tomou Serra Negra de assalto. Mas permitam-me iniciar esta crônica por um personagem inusitado que, sem aviso, abrilhantou ainda mais nossos dias festivos: um galo.

Sim, um galo! E não um qualquer. Ele surgiu como que por encanto, no meio do burburinho da nossa celebração de aniversário. Trazia consigo uma plumagem lustrosa, um porte altivo e um cantar... ah, um cantar que parecia ecoar as mais antigas histórias! Batizei-o sem hesitar: Chantecler. Podem rir, mas para mim, ali estava ele, em carne e osso, o próprio Chantecler das fábulas francesas.

Tivemos exposições vibrantes, como Cores da Nossa Terra, de Henrique Vieira Filho (eu, mesmo), explorando a fusão entre o pop e a natureza, além da instalação imersiva Eco-Contos, que exaltou a moda sustentável da designer de moda Goretti. Em meio a essa diversidade, eis que surge Chantecler!

Na literatura, o Chantecler medieval era conhecido pelo canto forte e imponente - seu nome, afinal, vem do francês chanter (cantar) e cler (alto, claro). E nosso Chantecler serrano não lhe ficava atrás! Seu cocoricó matinal logo se tornou a trilha sonora da Residência Artística, despertando os dias repletos de cinema, literatura, artesanato e tantas outras manifestações artísticas que deram vida à Celebração Re Arte.

Lembrei-me da fábula em que Renart, a raposa astuta, tenta enganar Chantecler. Felizmente, em Serra Negra, nenhuma raposa rondava (pelo menos, não que eu tenha notado!). Mas nosso galo tinha, sem dúvida, aquela imponência do personagem de Edmond Rostand, que acreditava que seu canto fazia o sol nascer. E que dizer do simbolismo desse galo? Vocês sabiam que o coq é um dos emblemas da França? Pois bem, nosso Chantecler, desfilando pelos jardins da Residência Artística, parecia carregar essa aura de representatividade. E que testemunha privilegiada ele foi! Assistiu ao encontro de culturas, à celebração da arte em suas múltiplas formas e à reflexão sobre a natureza - temas tão caros ao nosso evento.

Enquanto Kena Marubo compartilhava os saberes ancestrais de seu povo, enquanto a Sereia Luthien encantava com sua voz e sua mensagem ecológica, nosso *Chantecler ciscava tranquilamente no gramado, indiferente à grandiosidade do momento, mas, de alguma forma, parte essencial dele.* Ele viu as cores vibrantes das telas, ouviu os acordes que embalaram as tardes e, quem sabe, tenha até se interessado pelos bate-papos literários. Quem sabe, na próxima edição, o galo se junte a alguma apresentação musical?

E assim, meus caros leitores, guardamos com carinho as memórias desse evento que celebrou um ano da inauguração da sede da arte e cultura em Serra Negra.

E, entre essas lembranças, fica a figura singular de Chantecler, o galo que surgiu do nada para nos lembrar que a magia e a beleza se revelam das formas mais inesperadas - até mesmo no canto matinal de um ilustre morador emplumado.

O Galo e os Musos | Henrique Vieira Filho

AM 1430 KHZ
RÁDIO SERRA NEGRA
13h às 19h - Super Tarde com o Comunicador Pedro Giovani,
39 anos falando no seu rádio!
14h30 - Repórter Policial
16h30 - Especial Super Tarde 2
17h00 - Ranchinho da Saudade - sertanejo
Classe A, com o curral dos animais e a visita dos passarinhos na janela do Ranchinho
18h00 - Ave Maria
OUÇA - www.radioserranegra.com.br
Ligue: (19) 3892-1125

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
serralheriamenegatti@gmail.com
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

Chantecler: O galo que despertou a arte

Ah, meus amigos leitores! Que alegria compartilhar com vocês as ressonâncias da nossa recente Celebração Re Arte, realizada na querida Residência Artística! Foi um verdadeiro turbilhão de cores, sons e encontros - uma efervescência cultural que tomou Serra Negra de assalto. Mas permitam-me iniciar esta crônica por um personagem inusitado que, sem aviso, abrilhantou ainda mais nossos dias festivos: um galo.

Sim, um galo! E não um qualquer. Ele surgiu como que por encanto, no meio do burburinho da nossa celebração de aniversário. Trazia consigo uma plumagem lustrosa, um porte altivo e um cantar... ah, um cantar que parecia ecoar as mais antigas histórias! Batizei-o sem hesitar: Chantecler. Podem rir, mas para mim, ali estava ele, em carne e osso, o próprio Chantecler das fábulas francesas.

Tivemos exposições vibrantes, como Cores da Nossa Terra, de Henrique Vieira Filho (eu, mesmo), explorando a fusão entre o pop e a natureza, além da instalação imersiva Eco-Contos, que exaltou a moda sustentável da designer de moda Goretti. Em meio a essa diversidade, eis que surge Chantecler!

Na literatura, o Chantecler medieval era conhecido pelo canto forte e imponente - seu nome, afinal, vem do francês chanter (cantar) e cler (alto, claro). E nosso Chantecler serrano não lhe ficava atrás! Seu cocoricó matinal logo se tornou a trilha sonora da Residência Artística, despertando os dias repletos de cinema, literatura, artesanato e tantas outras manifestações artísticas que deram vida à Celebração Re Arte.

Lembrei-me da fábula em que Renart, a raposa astuta, tenta enganar Chantecler. Felizmente, em Serra Negra, nenhuma raposa rondava (pelo menos, não que eu tenha notado!). Mas nosso galo tinha, sem dúvida, aquela imponência do personagem de Edmond Rostand, que acreditava que seu canto fazia o sol nascer. E que dizer do simbolismo desse galo? Vocês sabiam que o coq é um dos emblemas da França? Pois bem, nosso Chantecler, desfilando pelos jardins da Residência Artística, parecia carregar essa aura de representatividade. E que testemunha privilegiada ele foi! Assistiu ao encontro de culturas, à celebração da arte em suas múltiplas formas e à reflexão sobre a natureza - temas tão caros ao nosso evento.

Enquanto Kena Marubo compartilhava os saberes ancestrais de seu povo, enquanto a Sereia Luthien encantava com sua voz e sua mensagem ecológica, nosso Chantecler ciscava tranquilamente no gramado, indiferente à grandiosidade do momento, mas, de alguma forma, parte essencial dele. Ele viu as cores vibrantes das telas, ouviu os acordes que embalaram as tardes e, quem sabe, tenha até se interessado pelos bate-papos literários. Quem sabe, na próxima edição, o galo se junte a alguma apresentação musical?

E assim, meus caros leitores, guardamos com carinho as memórias desse evento que celebrou um ano da inauguração da sede da arte e cultura em Serra Negra.

E, entre essas lembranças, fica a figura singular de Chantecler, o galo que surgiu do nada para nos lembrar que a magia e a beleza se revelam das formas mais inesperadas - até mesmo no canto matinal de um ilustre morador emplumado.

O Galo e as Musas | *Henrique Vieira Filho*